

A formação de leitores literários no contexto das tecnologias digitais: reflexões sobre o lugar da literatura no ensino fundamental I

Tiana Andreza Melo Antunes

tiandreza2011@gmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Coxim, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Patricia Rosa de Oliveira de Andrade

paty1208@gmail.com

Faculdade CNEC Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Neste trabalho estuda-se a formação de leitores literários no contexto das tecnologias digitais, com metodologia pautada em pesquisa bibliográfica (COSSON, 2006; ROJO; MOURA, 2016; DUDNEY; HOCLY; PEGRUM, 2016). Uma leitura literária deve proporcionar muito mais que apenas decodificação de palavras, pois é ela que nos permite ressignificar tudo o que lemos. No entanto, essa leitura literária não faz parte do processo de formação de muitos dos nossos leitores brasileiros. Assim como o letramento literário, os multiletramentos também são um desafio para a escola da contemporaneidade, pois a dificuldade de lidar com outros objetos educacionais que não os livros têm tornado a escola cada vez mais deficiente no que diz respeito ao processo de formação de leitores. Dessa forma, na presente pesquisa deseja-se investigar novas formas de linguagem para inserção da literatura infantil no cotidiano dos alunos. Conclui-se que a escola ainda precisa avançar muito na maneira como ensina a literatura e aborda as tecnologias. Uni-las será consequência desse avanço.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias digitais. Literatura infantil. Letramento literário. Multiletramentos

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a tecnologia tem estado cada vez mais presente na vida da sociedade incluindo as crianças que, cada vez mais, se envolvem com o mundo tecnológico em busca de diversão e entretenimento. Ao passo que a tecnologia se torna indispensável na vida das pessoas, os alunos perdem o interesse na escola, que não acompanha esses avanços na mesma velocidade, diante da “chuva de interatividade” apresentada pela Internet e seus jogos, aplicativos, canais de filmes e desenhos animados. Portanto, pensando nisso, as perguntas que surgem são: como a escola deve adequar suas práticas de ensino a esse novo momento? Como sair ganhando no ensino de literatura, por exemplo, sem perder na concorrência com a Internet e seus atributos chamativos para crianças?

A escola, de maneira geral, se limita apenas ao texto impresso, restringindo os alunos da leitura dos diversos textos disponíveis, bem como das formas de aquisição e circulação dos discursos nos distintos suportes de escrita. Dessa maneira, pode-se incorporar à rotina da escola o uso da tecnologia digital para que alunos e professores possam aprender a ler, escrever e se expressar por meio dela.

A presente pesquisa trata das possibilidades oferecidas pela tecnologia, que pode tornar a leitura mais significativa e prazerosa. Dessa forma, busca as possíveis conexões entre os recursos tecnológicos e a Literatura, pretendendo uni-los com a finalidade de apresentar à criança as infinitas perspectivas para um aprendizado mais atraente e prática constante da leitura. Investigar-se-á como unidas a literatura infantil e a tecnologia digital podem contribuir para que crianças do Ensino Fundamental I possam apreciar e tomar gosto pela primeira, por meio dos recursos oferecidos pela segunda.

Este estudo tem como objetivo geral: discutir como a tecnologia pode contribuir para que haja mais interesse pela leitura nas classes do Ensino Fundamental I, tornando-a mais atraente e interativa, acompanhando o avanço tecnológico que bate à porta da escola, sem ferir os princípios da Literatura, apenas contextualizando-a ao momento atual, sem retirar-lhe a essência.

E como objetivos específicos: (i) debater sobre as contribuições do campo da Literatura Infantil para a educação, entendendo melhor o letramento literário; (ii) fazer um levantamento de como a tecnologia pode associar-se à Literatura Infantil, para propor uma aprendizagem mais significativa por meio dos multiletramentos.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção será feita uma relação entre educação e tecnologia; na segunda seção será abordado um pouco da história da Literatura Infantil e seus desdobramentos até alcançar uma noção a respeito do que vem a ser o letramento literário; na terceira seção será possível conhecer um pouco sobre os multiletramentos e sua relação com o contexto educacional atual. Por fim, a conclusão que concatena os pensamentos e estudos teóricos examinados ao longo deste artigo.

1. EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

A tecnologia sempre esteve presente na vida da sociedade e, à medida que esta foi se desenvolvendo, foi responsável por mediar esse processo de crescimento trazendo suas inovações com vista a satisfazer às necessidades humanas. Isto ocorre desde os primórdios até os dias atuais em que a tecnologia mais atuante e presente na vida dos seres humanos é a digital. Esta tem deixado

sua marca nas diferentes áreas do conhecimento materializando sonhos de inovação e avanço dos humanos.

Ao longo do tempo o mundo sofreu mudanças econômicas, culturais, políticas, religiosas, institucionais e filosóficas atendendo a um clamor da, como menciona Tajra (2012), “necessidade da formação do novo homem”. Diz-se dessa forma que a humanidade se questionou e as diferentes áreas de conhecimento se questionaram junto, adequando-se ao novo modelo de sociedade que se fez. A tecnologia, por sua vez, acompanhou o avanço, proporcionando ao “novo homem” novas possibilidades de relações, de pensamentos e de produção de conhecimento.

Dentro dessa perspectiva de pensamento, pode-se dizer que as tecnologias digitais possuem ferramentas e possibilidades para trazer inovações para o universo escolar, universo do qual trataremos em todo esse trabalho, ampliando a discussão em torno da tecnologia e da educação. Porém, ao contrário das outras áreas de conhecimento, que, como supracitado, acompanharam as transformações do homem, a educação não acompanhou tanto assim e ainda se vê em teias de concepções antiquadas sobre o fazer pedagógico, fechando as possibilidades de alcance do novo.

Para que a relevância das novas tecnologias digitais para a educação seja mais bem entendida, podemos relacioná-la à teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner, que propõe que a vida humana requer o desenvolvimento de diversas inteligências, devido à multiplicidade de atuações requeridas do ser humano em seu dia a dia (TAJRA, 2012). Dessa maneira, podemos dizer que a tecnologia proporciona o desenvolvimento de habilidades específicas no ser humano por ter um caráter multifuncional.

Ter o computador como instrumento de planejamento e execução é de grande valia para o professor que tem o desejo de inovar e enriquecer a construção do conhecimento em sua sala de aula, já que o computador proporciona interação e contribui para a formação de indivíduos polivalentes. A sociedade atual tem uma demanda de indivíduos que saibam agir nas diversas situações, que saibam se comunicar de maneira inteligível, que trafeguem com facilidade por diversos conhecimentos e que tenham a facilidade de resolver problemas. A tecnologia dá conta de contribuir para a formação desse indivíduo múltiplo e é por isso que a escola precisa avançar e se render às possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, para juntas, formarem cidadãos competentes e preparados para o contexto social atual, conforme propõe Tajra:

É preciso visualizar esta situação social que estamos vivendo. A educação necessita estar atenta às suas propostas e não se marginalizar, tornando-se obsoleta e sem flexibilidade. Algumas dessas mudanças podem ser realizadas pelo professor que, tendo uma visão de futuro e possuindo uma mente aberta para refletir criticamente sobre sua prática no processo de ensino-aprendizagem, torna-se um agente ativo no sistema educacional. (TAJRA, 2012, p.21)

Para que a relevância da tecnologia seja percebida e incorporada à educação, o primeiro passo deve ser dado por professores que, antes de qualquer coisa, devem se sensibilizar para importância da conexão entre educação e tecnologia. Feito isso, o caminho para a modernização estará aberto.

Efetuada essa reflexão, o professor precisa apropriar-se dos conceitos tecnológicos e aprender a adequá-los ao contexto pedagógico, usando seus

recursos de acordo com suas necessidades educacionais. A segurança no uso da tecnologia é primordial nesse processo, pois o alunado é muito familiarizado a ela, e qualquer deslize do professor poderá trazer insegurança aos alunos, daí a importância da apropriação dos conceitos tecnológicos e suas ferramentas. Para que o uso das tecnologias novas tenha um caráter positivo no ensino é imprescindível que a proposta utilizada e os profissionais envolvidos estejam comprometidos com a causa e dispostos a novos desafios.

Ainda conforme Tajra: “para implantar ou reformular um projeto de informática na educação, podemos optar por uma metodologia a partir dos seguintes passos: diagnóstico tecnológico da escola, do professor e do aluno; plano de ação; capacitação dos docentes...” (TAJRA, 2012, p.73). Em meio ao processo, a visão educativa do diretor também conta para a entrada das tecnologias na escola, pois a implantação desse projeto requer a participação de todo o corpo escolar. Uma vez implantado, é possível perceber nos alunos ganhos trazidos pelo uso tecnológico nas aulas, tais como: autonomia, motivação, curiosidade, cooperação, concentração, comunicação globalizada, novas possibilidades de pesquisa e habilidades em estruturação lógica do pensamento.

O professor deve saber integrar sua proposta pedagógica com a tecnologia. Da mesma maneira precisa aprender a aprender, ser dinâmico, criativo e flexível, pois a utilização de princípios tecnológicos requer do docente essas habilidades. Precisa também ter conhecimento das ferramentas básicas e de *softwares* educacionais, além do uso adequado da Internet, visando ao bom desenvolvimento de sua aula e apreensão do conhecimento por parte de seus alunos. Faz-se importante, também, a troca de informações entre os professores, suavizando, dessa forma, os receios com as ferramentas tecnológicas.

O uso das novas tecnologias proporciona ao professor o papel de facilitador, fazendo-o abandonar o papel de detentor do conhecimento, assumindo uma nova postura, deixando a antiga configuração para trás. É possível dizer que o ambiente de informática na escola promove interatividade, os alunos se sentem mais à vontade e perdem o medo de errar, ressignificando os modos de aprendizagem atuais (não tão atuais assim).

Apesar de todas as suas contribuições positivas, a tecnologia não deve substituir o trabalho docente, pois ela é apenas uma ferramenta para que mestres apliquem às situações didáticas, contribuindo para o aprendizado dos alunos e não para tomar o lugar do professor, porque somente este poderá ser mediador do conhecimento produzido em sala de aula.

A utilização das tecnologias na educação é um processo de mudança que consiste, segundo Tajra, em se deparar com a necessidade de transformação, entrar em processo de mudança e reiniciar um novo processo de modificação, caracterizando dessa forma um ciclo interminável, pois a tecnologia vive em constante evolução. Tendo consciência disso, a autora ainda nos ensina que não devemos acompanhá-las rigorosamente, mas sim questioná-las, pois não se limitam a instrumentos físicos, mas ao longo do caminho que percorrem influenciam a cultura, a vida em sociedade, a forma com que se aprende e se comunica, enfim, as mais corriqueiras atividades do cotidiano.

Levando em conta o caráter informativo que as novas tecnologias possuem não podemos reduzi-las apenas a veículos de informação. Na sala de aula as ferramentas tecnológicas devem ser muito mais. Como já dito, elas precisam contribuir para que os alunos construam conhecimento de outras formas, através de outros meios, não somente do modo tradicional. O computador, o *smartphone*

ou qualquer outro recurso de tecnologia da atualidade não devem ser utilizados com foco em si mesmos, mas no conhecimento almejado e em princípios humanos, conforme Freire:

[...] defendemos que a mídia-educação deve ser incorporada à prática pedagógica com o propósito de formar continuamente indivíduos éticos, construtores críticos da sociedade, que utilizem mídia na perspectiva da TE, sem distanciar da condição humana, ou seja, com princípios voltados para os valores humanos; pois integrando a mídia na prática pedagógica de acordo com essa perspectiva indica a construção de um caminho emancipatório não apenas do aluno, mas do cidadão que se forma em interação com os valores da contemporaneidade. (FREIRE et al., 2011, p. 77)

Vale lembrar a ligação das novas tecnologias com a Internet, que é uma grande rede de computadores que permite a seus usuários se comunicarem com o mundo sem sair do lugar e que também abre caminho para um novo fazer pedagógico diante das inúmeras rotas disponíveis. Porém, há desafios quanto à utilização dessa ferramenta que atravessam, principalmente, a formação continuada dos educadores, ao passo que nem todos têm conhecimento das inúmeras possibilidades ofertadas pela Internet que tornam a construção do saber mais atrativa e, principalmente, mais interativa. A grande rede dispõe de ferramentas gratuitas para tornar as aulas mais ricas e atraentes, visto que estamos inseridos em uma transformação cultural em que a forma de perceber o conhecimento tem sofrido modificações. No entanto a escola tem tido dificuldades de adentrar esse novo universo por falta de apropriação do mesmo por parte dos docentes, pois muitos deles ainda não se sentem parte dessa nova trama globalizada pela qual estamos envolvidos e muitas vezes não se veem capazes de transformar o modo como constroem o conhecimento, levando em conta a forma de aprender dos discentes dessa nova geração.

A questão exposta acima ficou evidente diante do contexto pandêmico no momento em que nos vimos isolados e a única forma de compartilhar conhecimento passou a ser a virtual. Mas, e agora como fazê-lo? Essa foi a pergunta que muitos profissionais da educação se fizeram diante de tamanho desafio que tirou a todos do lugar comum e fez com que buscassem meios de modificar a sua prática docente que, agora, não cabia mais nos moldes apresentados. Alguns se reinventaram outros ficaram no caminho, o fato é que o contexto urgente trouxe à tona as fragilidades tecnológicas de um corpo docente que se acostumou aos padrões expositivos de aula e de uma hora para outra teve de buscar novos conhecimentos e tomar uma nova rota para garantir que seus estudantes desfrutassem de aulas mais produtivas e calorosas, possíveis, na solidão das telas.

Desse modo, faz-se urgente a necessidade de discutir a inclusão digital, posto que as rápidas mudanças ocorridas nesse meio têm influenciado diretamente a nossa forma de comunicar, pensar, agir e ser quem somos no mundo que nos cerca. É preciso uma ação coletiva e eficiente de modo a alcançar soluções eficazes para essa inclusão que abarca não somente os docentes, mas toda a comunidade escolar para que haja melhor colaboração e partilha de saberes, de modo a contemplar a forma como nossos aprendentes aprendem e compartilham seus conhecimentos com seus pares.

As novas tecnologias estão ligadas, sobretudo à internet tanto no que concerne às informações a serem obtidas com rapidez e qualidades inimagináveis, quanto ao processo de trabalho proposto nos hipertextos. Hoje, um hipertexto nos dá a dimensão do tipo de pensamento que se deseja desenvolver, ou seja, o pensamento complexo. (WERNECK, 2012, p.57)

E o que vem a ser esse pensamento complexo, então? Segundo Werneck, ele “abandona a metodologia linear”, assumindo uma marca plural, com uma visão profusa do mundo e da vida. Em suma, podemos entender que o pensamento complexo se baseia na multiplicidade de opções que se apresentam ao pensar, de maneira que o indivíduo possa ter múltiplos olhares a respeito dos diversos tipos de informações ou conceitos preconcebidos, que a eles se apresentam no mundo atual. Frente a isso, pensar complexamente é ter múltiplos olhares, enxergar de vários ângulos, ter diversas perspectivas, sem a possibilidade de concepções fechadas e lineares, conforme nos tempos anteriores à Internet, anteriores ao hipertexto, que é a conexão entre diversos *links*, de variados assuntos ou posicionamentos a respeito do mesmo assunto. A nova rede de computadores abre janelas, literalmente falando, para que o ser humano pense interdisciplinarmente, se colocando em diversos aspectos para desenvolver um discurso rico, concebido sob uma maneira nova de ver o mundo.

A chegada da Internet trouxe consigo muitas dificuldades, desafios e incertezas, mas trouxe também muitos benefícios e possibilidades para o processo de ensinar e aprender. Ela aproximou o ser aprendente de docentes, docentes de docentes e alunos de alunos. Trouxe em si influência no modo como o professor, da modernidade, encara o processo de ensino-aprendizagem e principalmente as suas formas de avaliar.

Desde a criação da TV não se viu mídia mais auspiciosa que a Internet, que, segundo Brito e Purificação (2012), vieram para desestruturar as bases educacionais em que a linearidade de pensamento, a singularidade de caminhos e a tirania de ideias eram preponderantes.

No que tange aos benefícios e possibilidades, a Internet proporcionou ao meio educacional novas formas de pesquisa, e ampliou o leque de opções no acesso ao saber. O *Youtube*, com canais dos mais variados assuntos, aproximou estudantes e educadores de conhecimentos antes disponíveis apenas nas bibliotecas, que nem sempre estavam acessíveis, por diversos motivos: sociais, econômicos e até mesmo geográficos. O acesso livre a esses conteúdos enriquece debates na sala de aula e faz com que o estudante participe do processo de ensino-aprendizagem ativamente. Essa troca de conhecimento gera respeito entre docentes e discentes e mostra que todos podem aprender entre si e que há sempre mais a aprender com os pares. Os canais de *digitais influencers* também modificam a construção do saber desses atores da educação, pois não só influenciam na forma de pensar, mas também de agir, principalmente de crianças e adolescentes. Esses influenciadores estão a todo tempo produzindo conteúdo e compartilhando em suas redes, convocando seus seguidores a se atualizar, comprar algo, interagir e emitir suas opiniões o que é rico e positivo a depender do ângulo que se olhe. No entanto, a *onda* de produção de conteúdo traz consigo, em muitos casos, informações e “saberes” que não são seguros, de fonte duvidosa, que, se encarados como verdade e replicados sem aplicação crítica ou pesquisa mais apurada, facilita a disseminação de *fake news*, não só no meio escolar, mas na sociedade de forma geral. Nesse sentido, deve-se buscar o que Rojo (2012) chama

de “analista crítico”, pois sabe que é preciso selecionar e “garimpar” conteúdos. Outra questão é que em se tratando da escrita, o “conhecimento” acessível, a todo tempo, trouxe na bagagem a facilidade da cópia. O famoso “copiar e colar” fez com que estudantes transferissem as “pesquisas” para um documento de texto e as passassem ao professor, no intuito de garantir uma nota, sem qualquer reflexão sobre o conteúdo “pesquisado”. Por conseguinte, trouxe o desafio ao professor de encontrar caminhos para evitar esse tipo de atitude, pondo mais uma vez a sua prática pedagógica à prova. Igualmente as bases de saber desses professores foram abaladas com o advento da Internet, pois ela os leva a reformular a forma de como se apropriam dos conhecimentos e a frequência com que os revisitam, levando-os a estar em constante atualização para que, ao avaliar um trabalho de um aluno, estejam devidamente preparados a não somente atribuir notas, mas suscitar discussões por meio das quais o conhecimento seja ampliado e melhor construído, para uso cotidiano do aluno.

Para finalizar a primeira seção, traçamos argumentações possíveis para novas investigações. A Internet trouxe suas mudanças não somente no campo educacional, mas na sociedade em geral, afetando a maneira de produção cultural. Ela gerou sua própria maneira de comportamento, ação, escrita, comunicação e influência social. Virou campo fértil para exposição de opiniões e ideologias e a difusão das mesmas, que encontram acolhida ou repulsa, a depender de quem as recebe com suas próprias formas de pensar e ver o mundo que as cerca. Também produz formas de pensar para aqueles que não as têm, aliena e escraviza política e ideologicamente. Assim sendo, a Internet adentra diferentes meios, com ações propícias a críticas e reflexões, exercita em todo o tempo a transversalidade e multidisciplinaridade, conectando saberes.

Enquanto ambiente formador de seres críticos e autônomos, a escola deverá posicionar-se com relação às multiplicidades de conhecimentos disponíveis na rede mundial de computadores, orientando seus alunos a serem críticos mediante ao conteúdo encontrado nela. Destarte, como proporcionar essa criticidade em um meio não linear, transdisciplinar onde não existe (teoricamente) certo e errado? O que fica é a problematização. Vale refletir e gerar outras discussões que não cabem nos limites propostos para este trabalho.

2. A LITERATURA INFANTIL E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Na seção anterior tratamos das novas TICs e sua influência no meio escolar. Colocamos em evidência as vantagens das tecnologias digitais para a escola e os desafios imbuídos no processo de adoção delas, sobretudo no cotidiano de alunos e professores.

Assim como para a tecnologia, proporcionaremos nessa seção uma nova reflexão, dessa vez a respeito da literatura infantil e seu tratamento no ensino fundamental 1 (primeiro a quinto ano) de nossas instituições de educação.

É sabido, no entanto, que esse trabalho tem como objetivo investigar como as tecnologias podem auxiliar no ensino da literatura às nossas crianças da educação básica. Iniciaremos, assim, com uma breve abordagem histórica da literatura infantil no Brasil. Em seguida falaremos um pouco sobre como vem sendo trabalhada na escola da atualidade, e, por fim, relacionamos a literatura aos multiletramentos.

2.1 A literatura infantil no Brasil

No Brasil a literatura infantil teve início tardiamente, às portas do século XX, após a chegada da família real portuguesa. Dado o processo de urbanização, o surgimento das escolas e um pouco mais tarde o novo papel assumido pela criança na sociedade e a necessidade de orientar o ser em formação, a literatura infantil no nosso país se expandiu, mas também teve dificuldades, pelos mesmos motivos que a levaram se expandir, em valorizar-se como gênero. Nesse início a literatura infantojuvenil que chegava ao Brasil era importada de Portugal. Os clássicos da literatura mundial, como os *Contos seletos das Mil e uma noites* e *As aventuras do Barão de Münchhausen*, por exemplo, foram os primeiros a serem traduzidos no país fazendo grande sucesso entre as crianças e jovens.

O marco da entrada do Brasil para a indústria cultural, nas cidades mais desenvolvidas do país, foi o lançamento da revista infantil *O Tico-Tico*, em 1905, que contou com a colaboração de vários artistas. A revista contava, além das histórias, com passatempos, contos literários e temas da História do Brasil. A publicação permaneceu sem qualquer concorrência até a década de 1930, quando começaram a chegar ao país os quadrinhos norte-americanos e as histórias de super-heróis, o que fez com que *O Tico-Tico* perdesse ainda mais espaço.

À literatura infantil é imposta desde o começo uma condição de mercadoria e a escola habilita as crianças para consumir as obras impressas. Pelo fato de a literatura infantil ser direcionada à escola, ela passou a ser denominada, e assim o foi durante muito tempo, como literatura escolar. Produzida por adultos e destinada às crianças, ela assume uma característica utilitária, isso sem deixar esgueirar os aspectos escapista e doutrinário.

Atrelada à escola, por uma feição moral e pedagógica, a literatura infantojuvenil apresenta uma matriz funcional. Valores religiosos, morais, pedagógicos e nacionalistas se misturam nesse momento. A escola necessita de textos apropriados à linguagem e ao universo da criança brasileira, pois textos estrangeiros, além de serem contextualmente diversos de nossa realidade, apresentavam um tom que dificultava a identificação do leitor mirim com a obra. Portanto, a busca de abasileiramento e a aproximação da linguagem escrita da falada eram dois pontos indispensáveis para torná-la mais atraente. (SOUZA, 2006, p. 79)

Por depender da escolarização das crianças e atender suas demandas, a literatura infantil, para se afirmar, assumiu um papel pedagógico. Em consequência disso ganhou a confiança da burguesia propagando seus valores e copiando seu comportamento. A escola exerceu um papel fundamental na tarefa de transformar a sociedade brasileira rural em urbana. Dessa forma, deu início à produção literária e didática direcionadas ao público infantil.

Entretanto, a escola incorpora ainda outros papéis, que contribuem para reforçar sua importância, tornando-a, a partir de então, imprescindível no quadro da vida social. É que, por forças de dispositivos legais, ela passa a ser obrigatória para crianças de todos os segmentos da sociedade, e não apenas para as da burguesia. Ajuda, assim, a enxugar do mercado um contingente respeitável de operários mirins, ocupantes, nas fábricas, dos lugares dos adultos, isto é, dos desempregados que, na situação de prováveis subversivos ou

criminosos, agitavam a ordem social sob o controle dos grupos no poder. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p.17)

Algum tempo depois, recém-saída da “caixa”, a literatura brasileira (não infantil), que até então era burguesa, passou a retratar outras camadas da sociedade. No contexto cultural inovador de um país que se modernizava e se urbanizava, foram dados passos para formar uma literatura infantil brasileira mais consciente.

2.2 A literatura na escola da atualidade

A forma tediosa com que as algumas de nossas escolas conduzem o ensino da literatura torna-a enfadonha e longe do seu princípio artístico e criacional. Não pensamos ser desnecessário saber sobre os períodos literários ocorridos na história e seus principais autores, mas também não acreditamos ser unicamente o que o estudo literário tem a oferecer.

É claro que, até onde sabemos, as escolas não chegam a ponto de colocar em suas grades curriculares do ensino fundamental 1 esses períodos da literatura. Mas a usam muito como instrumento para o ensino de leitura e escrita, o que não é exatamente o que defendemos aqui. A literatura é útil para ensinar a ler e escrever, no entanto ela pode perfeitamente formar um indivíduo culturalmente, despertar aptidões artísticas nas crianças e, sem dúvida alguma, formar leitores, não por obrigação, mas por prazer.

Literatura é palavra, e a experiência com a palavra precisa construir e reconstruir humanidade em nós. Por meio dos múltiplos sentidos do verbal conseguimos meios de expressar aquilo que gostaríamos de dizer e não sabemos como. Em resumo, literatura vai para além dos textos, transcende o ato de decodificação e sobrepuja as ideias de “pronto e acabado”.

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona com o mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON, 2006, p. 29)

Mediante essa argumentação podemos dizer que a literatura infantil abordada em nossas escolas tem deixado a desejar em alguns aspectos. Ela não tem sido explorada nas suas máximas potencialidades, pois nossos professores focados demais na alfabetização (e sabemos que existe uma pressão para esse fim) acabam por deixar para trás concepções importantes para a formação de seus alunos.

Notamos também o uso da literatura como ferramenta para ensino da gramática. Não julgamos ser errado, porém, mais uma vez, tocamos no ponto do foco em apenas uma das possibilidades. A literatura oferece muitas opções de exploração e confiná-la a uma só é sufocá-la, e isso implica perder tudo o mais que ela pode oferecer de bom para nossos estudantes.

Tendo em vista melhorar o ensino de literatura em nossas escolas, estudos sobre letramento literário vêm sendo realizados. Para Rildo Cosson (2006), o letramento literário acontece quando nos apropriamos da literatura enquanto linguagem. É internalizar de tal forma o que se lê a ponto de chamá-lo de nosso.

Esse mesmo teórico acredita que, para que o processo de letramento literário aconteça, é imprescindível o contato do leitor com a obra. Ele também defende que letramento literário não se constrói solitariamente, mas faz parte de uma comunidade de leitores.

É com base nesse pensamento de Cosson que tangenciaremos nosso diálogo daqui por diante. O uso da literatura nas escolas muitas das vezes não passa de um projeto de leitura em que as crianças trocam semanalmente os livros na escola, mas a leitura é feita a sós, quando muito na presença dos pais. Nesses casos, não é feito na escola nenhum tipo de compartilhamento da leitura. O aluno não tem a oportunidade de se expressar a respeito daquilo que leu. Dessa forma, o ato de ler e o contato com a literatura ficam detidos ao cumprimento de protocolos curriculares.

A literatura infantil carrega consigo o estigma de menor, de menos importante (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999). Por consequência disso, a maneira como ela é abordada para as nossas crianças é, também, um tanto relapsa, vista muitas vezes como apenas lúdica ou como ferramenta de leitura e interpretação de textos. Ratifica-se, com isso, o que já foi dito sobre a maneira pouco criativa e consciente de se trabalhar com a literatura, em especial a infantil. Parece que ainda nesses tempos atuais carregamos aquela carga do passado em que a literatura é vista como forma de inculcar o código de leitura e escrita, divertir a criança ou lhe ensinar valores morais. Sendo a primeira e a terceira as que mais ocorrem no nosso meio escolar.

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal do leitor que se quer formar, inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler. (SOARES 2006, p. 47, apud VIEIRA, 2015, p. 124)

Dessa maneira, tal linha de pensamento corrobora a ideia de Cosson (2006), que defende a presença dos textos literários nas aulas de maneira ampla e plena, não fragmentada, fora do seu contexto, com intuito único de exploração linguística e gramatical. Faz-se necessário entender, porém, que é urgente a necessidade da prática da leitura literária em nossas escolas não só para a recuperação do gosto pela leitura, mas também por uma melhor aplicação do que se lê, dando sentido ao texto, criando a partir dele e aplicando-o à vida. É urgente uma leitura para além da mera decodificação e para tanto só se enxerga a saída através de um processo de letramento literário.

3. MULTILETRAMENTOS NO DIA A DIA DA ESCOLA

O advento das tecnologias digitais possibilitou às pessoas a vivência de novas experiências em diversos contextos da vida cotidiana. Tais transformações dizem respeito à vida familiar, social, profissional e acadêmica que impactam na linguagem e nas práticas comunicativas. A vida cotidiana dos indivíduos tem sofrido muitas mudanças e as tecnologias são a parte central disso: “[...] Sem dúvida, ainda há muitos problemas de acesso e diferenças entre pessoas e grupos.

Mas as mudanças tecnológicas estão afetando as pessoas em todos os lugares e transformando todos os domínios da vida.” (BARTON; LEE, 2015, p.12)

No entanto é importante ressaltar que, assim como afirmam Barton e Lee (2015, p.13), “as tecnologias por si só não introduzem automaticamente as mudanças em nossas vidas”, apesar de, como dito há pouco, serem parte central do processo. O impacto causado por essas tecnologias se dá de maneiras diferentes na vida de pessoas diferentes.

A linguagem tem se transformado de modo a adequar-se ao contexto atual, redefinindo atividades de leitura e escrita. Ao passo que os indivíduos participam de atividades on-line, o uso da linguagem vai mudando, devendo-se ressaltar que essas mudanças não são absolutas, de modo que o próprio processo de avanço tecnológico não as permite. Nessa era digital em que há brevidade e flexibilidade de ideias, também é permitido recriar a linguagem e adequá-la às mudanças sociais e tecnológicas às quais ela é submetida.

Partindo desse contexto de mutações provocadas pelas tecnologias digitais podemos, portanto, levar adiante nossa discussão. Platão e Fiorin (1995) discutem as maneiras de ler um texto não verbal, destacando as peculiaridades deste em relação ao texto verbal, e, embora considerem que algumas das formas de ler os dois tipos de texto são as mesmas, a morfologia e o léxico de cada linguagem têm suas especificidades, e é exatamente aí que eles se diferem.

No que se refere à forma de ler textos não verbais, que requerem do leitor um discernimento para reconhecer signos, formas e oposições de cores, para transitar em territórios multimodais, é necessário estar em posse de conhecimentos que transcendem a mera capacidade de decodificar textos. Esses territórios multimodais nada mais são que uma faceta das modificações que as novas tecnologias trouxeram para o universo da linguagem, o que se chama de *multiletramentos*.

É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar. (ROJO; MOURA, 2012, p.19)

Segundo Rojo e Moura (2012, p.8), “... propostas de ensino deveriam visar aos letramentos múltiplos, ou multiletramentos, e deveriam abranger atividades de leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos com enfoque multicultural”. Dessa forma, entendemos que multiletramentos unem multimodalidade e multiculturalidade, sendo a segunda uma característica clássica das sociedades globalizadas que se utilizam de diferentes formas de texto para se comunicar e se informar.

As novas tecnologias viabilizam novas práticas de letramento, a partir da multiplicidade de culturas presentes em nossa sociedade. As experimentações e intervenções das pessoas em volta dos textos com os quais entram em contato geram outros textos, outros pensamentos.

Habitamos um mundo textualmente mediado pelas novas tecnologias que viabilizam mudanças sociais que cada vez mais requerem um “escritor design”, aquele que modela o texto a fim de agradar ou afetar aqueles a quem se destina, e um leitor transformador, aquele capaz de criar outros textos, com outras linguagens, a partir do que lhe foi apresentado.

Rojo e Moura (2012) também afirmam que a mistura de vocabulários está cada dia mais presente, pois fundamentados nas novas tecnologias os indivíduos podem criar novas maneiras de se comunicar e se expressar. Com todas as possibilidades de experimentação abertas, esses indivíduos misturam aos seus gostos opiniões e discursos de outros, com os quais se identificam e criam uma nova voz com base em outras vozes.

Com essa característica colaborativa, os multiletramentos requerem uma pedagogia compatível, que nos faça reavaliar nossas formas de ensinar e aprender, encontrando possíveis maneiras de transformá-las a partir das novas tecnologias da informação. Em se tratando de tecnologias de aprendizagem, o que temos hoje não é satisfatório, porque o que a escola fez foi basicamente transpor o modelo de educação livresco para um novo meio de apresentação. Assim, entendemos que nossa maior barreira para o desenvolvimento dos multiletramentos na escola não são as novas tecnologias e sim as práticas vigentes de leitura e escrita.

Tendo em vista seu caráter colaborativo, os multiletramentos ganham vida e sentido por meio das tecnologias digitais. Eles são totalmente interativos e híbridos e dispensam qualquer relação de poder e propriedade. Isso quer dizer que no território cibernético além de multissemióticos os textos são também uma simbiose das muitas vozes que compõem o ciberespaço, transgredindo as relações de poder existentes nas mídias impressas em que há um autor emissor, para um leitor receptor do conteúdo, e apenas isso, o que garante propriedade das ideias. No mundo on-line todos são autores de seus próprios discursos, ainda que estes sejam permeados por outros.

Os multiletramentos aventam uma aprendizagem autônoma, flexível e crítica, pois se acredita que a escola é responsável por transformar os consumidores acríticos em analistas críticos.

Dessa maneira, fazer uma pedagogia dos multiletramentos é criar em primeiro lugar usuários funcionais (que saibam fazer), pois, como abordado na primeira parte deste trabalho, para o uso das novas tecnologias na escola almeja-se, principalmente, um professor que saiba utilizar os recursos tecnológicos a sua disposição; em segundo lugar transformar os alunos em analistas críticos e criadores de sentido que façam seleção prévia de conteúdos por meio de embasamento crítico; por fim, capacitá-los a transformar enunciado e conteúdos, usando o que foi apreendido de novas maneiras.

Resumidamente, tratava-se de formar um usuário funcional que tivesse competência técnica (“saber fazer”) nas ferramentas/textos/práticas letrado requerido, ou seja, garantir os “alfabetismos” necessários às práticas de multiletramentos (às ferramentas, aos textos, às línguas/linguagens). Mas esse patamar, claramente, não basta a essa “pedagogia”: a questão é alfabetismos funcionais para que (e em favor de quem).

O trabalho da escola sobre esses alfabetismos estaria voltado para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos. Para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos e significações, seja na recepção ou na produção. (ROJO; MOURA, 2012, p. 29)

Ao falar de multiletramentos, não podemos deixar de falar em hipertexto – já comentado brevemente em seção anterior – que, segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016 p. 27), é a “habilidade de processar hiperlinks apropriadamente e

de usá-los para incrementar com eficiência em um documento ou artefato”. Estes destacam pontos mais importantes de um documento, com links, proporcionando ao leitor maiores informações a respeito dos mesmos em “novas janelas”. Sendo assim, em posse de habilidades tecnológicas, o aluno pode enriquecer seu trabalho agregando a ele tais recursos.

O eixo desse estudo, os multiletramentos, possui, além do mais, característica polifônica de escrita coletiva, com um design também coletivo que interliga diversas modalidades através de outros profusos falantes, leitores e escritores. Este (eixo), entre outros, também tem o objetivo de transportar as crianças do conhecimento prévio até a produção de material na web, proporcionando a autoria de suas próprias obras.

A fim de ampliar ainda mais nossos horizontes, é preciso pensar em outros recursos da Web (termo que se refere à Internet/rede) que oportunizam a escola maneiras de comunicação com os alunos, avultando a perspectiva de uma pedagogia que transponha os muros da escola adquirindo novos meios de ensino aprendizagem considerando os multiletramentos em seu pleno sentido. À vista disso, temos hoje professores que utilizam as redes sociais, como o Facebook, por exemplo, para criar um canal de diálogo com seus alunos, permitindo, de uma maneira totalmente fora dos padrões curriculares, estabelecer um canal de troca de conhecimento.

Até então, em se tratando desse território vasto que é a Web, podemos apontar, ainda, a existência das redes sociais voltadas para a educação e por que não falar dos jogos que estão sendo levados muito a sério, facilitando o trabalho e resolvendo os problemas do mundo real. Estes oferecem à escola um campo fértil para a construção de conhecimento, pois o foco em “letrar jogando” vem sendo crescente. Hoje já se fala até em letramento em jogos, para expansão da Educação.

[...] Trata-se de um macroletramento – em outras palavras, de um letramento inspirado em vários outros – envolve habilidades linguísticas, multimidiáticas, espaciais, cinestésicas e outras. [...] No futuro próximo, ambientes de jogos – bem como ambientes virtuais como Second Life, que não é um jogo como tal – poderão ser vistos como espaços ideais de aprendizagem, nos quais os estudantes podem adquirir letramentos digitais em acréscimo às práticas de linguagem e aos letramentos tradicionais. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, P. 30)

Todavia, torna-se necessário falar a respeito do letramento em filtragem, que consiste numa alternativa para reduzir a sobrecarga de informações nas redes sociais e de trabalho, como mecanismos de triagem. Além do mais, o ciberespaço é capaz de proporcionar não só à escola, mas a todos os indivíduos que dela se valem, um mundo de facilidades e benefícios. Porém ela é também uma terra em que circulam conteúdos falsos, de fontes duvidosas, haja vista a onda das *fake news* que invade o Brasil nos últimos tempos.

Faz-se necessário, portanto, trazer de volta à conversa a importância da formação de um alunado crítico, pois além das filtragens de mecanismos virtuais, teremos uma filtragem humana, pensante, crítica e segura de si, não apenas consumidores passivos, de conteúdos on-line. É sabido, contudo, que nos falta muito, enquanto agentes educadores ativos na sociedade, para chegarmos a esse patamar. Havendo um trabalho conciso e recalcitrante de renovação de posturas e crenças pela frente, chegaremos ao objetivo desejado: obter uma escola capaz

de formar alunos com capacidades colaborativas, críticas, formadores e transformadores do conhecimento.

Há mais que alfabetização na comunicação, e os multiletramentos abordam a construção do significado de forma multimodal. Propostas multimodais trazem o significado não apenas na modalidade escrita, mas em todas as modalidades. A aprendizagem se dá em um novo ambiente de comunicação, em que a verdadeira língua/linguagem aparece/acontece. (ROJO; MOURA, 2012, p. 41)

Podemos salientar, portanto, que os tempos atuais, regidos por um intenso avanço das tecnologias digitais, requerem uma reorganização escolar. Caso contrário, haverá dificuldades, num futuro bem próximo, de posicionamento diante de uma sociedade de cultura múltipla, gerida por também múltiplas linguagens.

Precisamos nos adequar aos avanços contemporâneos para proporcionar aos nossos alunos um preparo diante do diverso, do comum e do novo que surge a toda hora trazendo consigo suas peculiaridades e vicissitudes. Oferecer-lhes o material necessário para que, ao produzir coletivamente, construam conhecimento e tornem-se capazes de analisar, criar e recriar criticamente, transformando suas práticas de leitura e escrita.

A pedagogia que leva em conta os multiletramentos incorpora a prática situada e embasada na experiência da criança, aberta à conceituação, que propõe o dialogismo e análise crítica, transformando as práticas de leitura e escrita em práticas sociais que levem à construção e uso dos conhecimentos adquiridos. (ROJO; MOURA, 2012, p. 53)

Posto isso, voltemos, mais uma vez, os nossos pensamentos ao letramento literário e tracemos uma possível relação entre ele e toda discussão estabelecida ao longo deste capítulo. Com a necessidade que a escola tem de estabelecer relação com as tecnologias digitais e ao mesmo tempo acertar seus ponteiros com o ensino da literatura, pensamos ser viável construir uma ponte que ligue ambos os lados. Baseado na pluralidade dos multiletramentos, que propõe ação crítica e autonomia de pensamento, aliada à concepção do letramento literário que passa pela apropriação da linguagem literária, pelo indivíduo, dando a ela sentido, cremos ser viável a contribuição das novas tecnologias no processo de construção de leitores literários em nossas escolas desde o começo do ensino fundamental. Em resumo, acreditamos ser possível, com a utilização das TICs, uma nova forma de apresentar a literatura para nossas crianças.

CONCLUSÃO

A abordagem realizada neste artigo, a fim de entender melhor a forma como os leitores estão sendo formados no contexto educacional contemporâneo, direcionou-nos a entender melhor o processo de formação do leitor. Possibilitou-nos compreender o que são o letramento literário e os multiletramentos e, a partir de então, saber como estes têm se dado na escola.

Percebe-se, a partir da comparação entre teoria e prática, que falta a muitos professores conhecimento dos temas abordados nesta discussão. A escola até

propõe os meios tecnológicos para uso, mas os professores não sabem como manipulá-los. O que se nota, como já previa a seção um, é que acontece na maioria das vezes uma substituição das ferramentas tradicionais de ensino pelas ferramentas digitais, mas sem alterar a finalidade. É como trocar quadro negro por branco, ambos têm a mesma função. Não se utiliza tecnologia como meio de inovação, de geração de recursos para além da aula expositiva. Isso se dá pela falta de conhecimento tecnológico de ampla maioria dos docentes, pela falta de recursos tecnológicos nas escolas, como é o caso da maioria das escolas públicas, e também pela pressão gerada pela demanda curricular das escolas, o que se torna um empecilho (não a causa principal) para que os professores inovem.

No que tange ao processo de formação de leitores literários, o que se percebe é um distanciamento ainda maior da teoria aqui apresentada, talvez pela falta de apropriação por parte dos professores a respeito do que consiste letrar literariamente, ou simplesmente pela pressão que se faz aos docentes para que as crianças aprendam a ler e escrever, apenas no sentido de decodificar. Ficou claro que a literatura infantil é abordada no Ensino Fundamental I, intencionalmente, com objetivo de aprimoramento dos conhecimentos linguísticos. A internalização e apropriação do que se lê como propõem as bases do letramento literário não são trabalhadas. O ato de ler é mais solitário do que solidário, como acredita Cosson, quando reflete a respeito das comunidades de leitura. As leituras não são costuradas no coletivo escolar e o ensino tem se destinado, tantas vezes, mais à reprodução do que à construção.

Sendo assim conclui-se que é preciso rever muitos conceitos, apontar novos caminhos, para que nossa escola não continue deficiente ao letrar literariamente e ao multiletrar. Cabe refletir, e a partir desses pensamentos gerar outras reflexões de pesquisa e ação para que possamos melhorar o quadro atual. Sempre há tempo de aprender e realizar mudanças. Anseia-se que as ideias aqui defendidas contribuam para melhor formular a nossa prática pedagógica a respeito da formação dos nossos leitores cada vez mais inteirados das tecnologias digitais e que tenhamos sucesso em futuros estudos e aplicação na prática cotidiana.

Training literary readers in the context of digital technologies: reflections on the place of literature in fundamental education I

ABSTRACT

In this work we study the formation of literary readers in the context of digital technologies, with methodology based on bibliographic research (COSSON, 2006; ROJO; MOURA, 2016; DUDNEY; HOCLY; PEGRUM, 2016). A literary reading should provide much more than just word decoding, because it allows us to give new meaning everything we read. However, this literary reading is not part of the process of formation of many of our Brazilian readers. Like literary literacy, multi-skills are also a challenge for the contemporary school, as the difficulty of dealing with educational objects other than books has made the school increasingly deficient in the process of forming readers. Thus, this research aims to investigate new forms of language for the insertion of children's literature in the daily lives of students. It is concluded that the school still needs to advance a lot in the way it teaches literature and approaches technologies. Joining them will be a consequence of this advance.

KEYWORDS: Digital technologies. Children's Literature. Literary Literature. Multiliteracies

REFERÊNCIAS

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem On-line: Textos e Práticas Digitais**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um (re)pensar**. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DUDENEY, G.; HOCLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos Digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2016.

FREIRE, Wendel (org.). et al. **Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias & Histórias**. São Paulo: Ática, 1999.

MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros (org.). et al. **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1995.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). et al. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A Literatura infantojuvenil vai muito bem, obrigada**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2006.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação: Novas Ferramentas Pedagógicas para o Professor na Atualidade**. 9ª ed. São Paulo: Érica, 2012.

VIEIRA, Hilluska de Figueiredo Sousa Carneiro. **Letramento Literário – Um Caminho Possível**. Mato Grosso do Sul: **Revista Arredia**. Disponível em

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/4307/2508> > Acesso em 29 nov. 2018.

WERNECK, Hamilton. **Educando com as ferramentas da simplicidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

Recebido: 14 dez. 2019

Aprovado: 16 ago. 2022

DOI: 10.3895/rl.v24n45.111409

Como citar: ANTUNES, Tiana A. M.; ANDRADE, Patrícia R. de O. A formação de leitores literários no contexto das tecnologias digitais: reflexões sobre o lugar da literatura no ensino fundamental I. *R. Letras*, Curitiba, v. 24, n. 45 p. 49-66, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

